

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO MATEENSE
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALBINO NASCIMENTO CARILLO JUNIOR

O FUTEBOL DE CINCO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

SÃO MATEUS

2018

ALBINO NASCIMENTO CARILLO JUNIOR

O FUTEBOL DE CINCO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Me. Daniel Junior da Silva

SÃO MATEUS

2018

ALBINO NASCIMENTO CARILLO JUNIOR

O FUTEBOL DE CINCO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em ____ de Julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

PROF. ME.DANIEL JUNIOR DA SILVA
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
ORIENTADOR

PROF. ME JOSÉ ROBERTO
GONÇALVES DE ABREU
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MEMBRO INTERNO

PROF. DRA ISABEL MATOS NUNES
MEMBRO EXTERNO

Dedico

À minha família, meus amigos e aos meus professores que apoiaram meus sonhos para que eu chegasse até aqui.

A todos os meus colegas de turma, por esses três anos e meio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois “até aqui nos ajudou o Senhor”.

À minha família. Em especial aos meus pais, Albino e Micheline, que sempre estiveram ao meu lado e batalharam para eu me constituir num ser humano melhor.

A meus irmãos Luiz, Ricardo, Michele, Felipe e Lucca que contribuíram para que eu não fosse tão individualista.

A meus amigos e à minha turma, que conseguimos alcançar parte de nossos objetivos através dessa formação acadêmica, apesar dos empecilhos surgidos no decorrer de cada semestre letivo.

Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.

Freire.

RESUMO

A Educação Física é uma disciplina que trabalha, entre outros enfoques, a inclusão social dos alunos. Dessa forma, a temática deste trabalho de conclusão de curso aborda a relevância da inclusão no contexto das aulas de Educação Física, desenvolvendo, assim, o esporte adaptado. O problema que se apresenta é: como o futebol de cinco, indicado para cegos, pode ser um conteúdo de inclusão social e educacional de aluna com baixa acuidade visual nos dois olhos, nas aulas de Educação Física? No decorrer dos capítulos, explicam-se conceitos do futebol de cinco e se estabelecem as possibilidades da sua prática no sentido de atender às necessidades de todos os alunos, pois se trata de uma atividade em equipe. Além dessa socialização, é preciso desenvolver a sensibilização, pois quando os alunos compreendem que existem diferenças, e sabem conviver entre si, respeitando-as, eles estão preparados para a educação inclusiva. O objetivo geral da pesquisa é investigar as possibilidades do futebol de cinco como esporte que promova a inclusão de aluna com baixa visão nas aulas de Educação Física. A Metodologia aplicada foi a participante, através de pesquisa *in loco* envolvendo a turma e os alunos. Conclui-se, após as abordagens teóricas e a pesquisa em campo que o futebol de cinco é um esporte que viabiliza a participação de aluna com baixa visão na escola regular e, como tal, promove a inclusão social.

Palavras-chave: Inclusão social. Futebol de cinco. Educação Física Escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema tático.....	22
Figura 2: Desenhos dos alunos com o entendimento deles sobre o futebol de cinco.....	27
Figura 3: Brincadeira “Quebra o pote”	28
Figura 4: Desenho de um aluno sobre valores, amor.....	29
Figura 5:Estafeta “Bobinho em dupla”.....	30
Figura 6:Marcação de pênalti com os olhos vendados.....	31
Figura 7:Brincadeira de futebol de salão em dupla	32
Figura 8: Roda de conversa com os alunos	33
Figura 9: Aluna com baixa visão participando da atividade com os demais.....	34
Figura 10: Ilustração da atividade que os alunos mais gostaram.....	35
Figura 11: Ilustração da atividade que os alunos menos gostaram.....	36
Figura 12: Avaliação através de desenho	37
Figura 13:Desenhos que ilustram a aprendizagem sobre Inclusão.....	37
Figura 14: Desenhos que retratam as percepções dos alunos quanto à inclusão.....	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 PROCESSO DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIENCIA VISUAL	13
2.2 A EDUCAÇÃO E A DEFICIENCIA VISUAL.....	16
2.3O ESPORTE ADAPTADO.....	19
2.4 FUTEBOL DE CINCO	22
3 METODOLOGIA	25
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	25
3.2 A ESCOLA	25
3.3 A TURMA.....	26
3.4 O PLANEJAMENTO DAS AULAS.....	26
4ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	28
4.1 O PROCESSO DE ENSINO DAS ATIVIDADES COM A TURMA	28
4.2 AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO FUTEBOL DE CINCO NA APRENDIZAGEM.....	35
4.3AVALIAÇÕES DO PROFESSOR E DA TURMA SOBRE OS CONTEÚDOS.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 REFERÊNCIAS.....	44
APENDICE I	46
APENDICE II.....	48

1INTRODUÇÃO

Este trabalho traz a problemática da inclusão de aluna com baixa acuidade visual nas aulas de Educação Física, entrelaçando o meio social em que vive e a inclusão da mesma. Dessa forma, torna-se relevante discutir e apresentar a possibilidade de adequação do futebol de cinco, modalidade esportiva instituída para cegos, ao contexto da realidade escolar, que atualmente é a de uma educanda com baixa visão

Desse modo, é imprescindível desenvolver estudos que enfoquem a inclusão de aluno com deficiência visual buscando entender suas necessidades. A inclusão consiste em perceber as diferenças e conseguir conviver com os colegas, aceitando-as. O discente com necessidades educacionais especiais precisa estar em contato com turmas regulares, em que pode interagir, participar e socializar-se com os demais. O espaço escolar é de socialização e, nessa tarefa, professores e alunos convivem e o respeito uns com os outros é essencial para que o ensino-aprendizagem seja eficaz.

A escola e seus professores acreditam estar preparados para a inclusão, mas só constataam que precisam conhecer cada vez mais quando a matrícula do aluno com deficiência é efetivada e este inicia os estudos me classe regular. Outro ponto importante é que o público alvo com baixa acuidade visual é pequeno, no contexto escolar, e as demandas para seu atendimento se baseiam ou no esmo dado aos cegos, ou nos alunos sem deficiência visual.

Quando o tema foi escolhido, justificou-se pela falta de estratégias esportivas nas aulas de Educação Física que atendessem ao público de baixa acuidade visual, e como os alunos, em maioria apreciam o futebol, recorreu-se ao futebol de cinco, de maneira que a inclusão fosse parte desse aprendizado. Essa prática não se aplica apenas aos alunos com essa necessidade, mas ao grupo, ou seja, a classe.

Pensando nas dificuldades, mas também nas possibilidades, veio a reflexão de como promover a inclusão um aluno com deficiência visual em escolas de ensino regular. Sendo assim, em meio às dificuldades vivenciadas, surge o problema de pesquisa: como o futebol de cinco, indicado para cegos, pode ser um conteúdo de inclusão social e educacional de aluna com baixa acuidade visual nos dois olhos, nas aulas de Educação Física?

Em resposta ao questionamento da pesquisa, o objetivo geral que se apresenta é: investigar as possibilidades do futebol de cinco como esporte que promova a inclusão de alunos com baixa visão nas aulas de Educação Física. Como objetivos são: proporcionar aos alunos a vivência da prática do futebol de cinco, com sua prática voltada a alunos com baixa visão no ambiente escolar; verificar o desenvolvimento das atividades com a turma diante da temática do Esporte Paralímpico, o futebol de cinco; apresentar as experiências produzidas pelos alunos, com e sem baixa acuidade visual, durante o processo das práticas pedagógicas com o futebol de cinco.

Na escola, é preciso que o aluno pense sobre como é a vida de um indivíduo cego e/ou com baixa visão, de forma que entenda suas dificuldades e necessidades, isso gera uma sensibilização, a ideia também passa em construir no aluno uma criticidade quanto aos meios de acessibilidade e inclusão social.

Quanto a relevância científica, o interesse por este estudo surgiu mediante a escassez de material sobre os alunos com baixa acuidade visual, como eles são atendidos no ensino regular, e a dificuldade que têm ao entrar em um local que não está adaptado conforme suas necessidades.

Já a relevância pessoal, passa por entender que, atualmente, a inclusão de pessoas com baixa visão no meio educacional é bastante incomum, diante disso, vimos a incumbência de possibilitar o aluno a prática de atividade esportiva (futebol de cinco) voltada para alunos que possuem pouca visão. E, nesse intuito, e por perceber desigualdades relacionadas a pessoas com visão em comparação aos que possuem baixa acuidade visual, mostrar-se necessário apresentar a dificuldade que é não ter a visão perfeita e o quanto importante é incluir a pessoa com deficiência em meio à sociedade.

A relevância social da pesquisa é trazer à discussão o contexto de vida de pessoas que não conseguem enxergar perfeitamente o mundo que os cerca, as pessoas que estão à sua volta, mas, oportunizá-las compartilhar de momentos de lazer, esporte, alegrias e aprendizagens.

Na perspectiva acadêmica/profissional, o trabalho trouxe a instigação no sentido de querer mais da sociedade em que se vive. Questionar porque ainda faltam melhorias na infraestrutura escolar, máquina em braile, quadra emborrachada, para que tenham a mesma educação que as pessoas que

enxergam. Mostrando que secontam as tensões, os desafios e as resistências por parte de quem os atende.

Por meio do referencial teórico é possível entender que existem formas de debate envolvendo o tema inclusão da pessoa com deficiência visual, trazendo possibilidades de como fazer intervenções e a inclusão dos alunos videntes em meio às adaptações do esporte, mostrando a dificuldade de como é não enxergar, mas, mesmo assim mostrar que com essa dificuldade a pessoa com baixa visão também tem especificidades e potencialidades.

Este trabalho está dividido em seções que se referem à parte teórica e à abordagem metodológica.

A primeira seção é a introdução, apresentando cada etapa do trabalho de conclusão de curso.

Prosseguindo, discorre-se o referencial teórico, onde se abrange, na primeira subseção, o processo de inclusão da pessoa com deficiência que vem conduzindo o contexto histórico da educação inclusiva no Brasil, conceitos de educação inclusiva social e educacional.

A segunda subseção exhibe a educação e a deficiência visual trazendo a importância, mostrando que qualquer pessoa tem o direito a educação, inserindo valores e estimulando a inclusão.

A terceira subseção traz o esporte adaptado, mostrando o quanto é importante a questão de vencer e perder, mostrando que o ensino do esporte traz vários valores e varias condutas que ensinam as pessoas trazendo nas pessoas cada especificidade e cada potencialidade dela, além de trazer e mostrar a inclusão social por meio do esporte.

A quarta subseção mostra o futebol de cinco trazendo seus posicionamentos, suas regras e inserindo métodos de como o futebol de cinco pode contribuir para um conteúdo inclusivo dentro das aulas de Educação Física.

A terceira seção indica a metodologia, que descreve a forma de como a intervenção aconteceu, onde segundo GIL (2017) apresenta a pesquisa participante como um meio entre o contexto acadêmico e o meio social, levando ao entendimento de como se configura a relação entre a sociedade e o estudo acadêmico.

As considerações finais ratificam a viabilidade do futebol de cinco poder ser o esporte promotor da inclusão social de alunos com e sem baixa acuidade visual no espaço escolar de ensino regular.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os assuntos abordados a seguir são pertinentes ao tema, para uma melhor compreensão sobre a forma de inclusão dos alunos cegos e de baixa visão dentro do ensino regular de ensino de modo que entendamos como e de que forma esses alunos são incluídos dentro de sala de aula e nas aulas de Educação Física, para que, com esse entendimento se possibilite a participação do aluno com baixa visãoe a sua inclusão junto a alunos videntes em classes regulares.

2.1 PROCESSO DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIENCIA VISUAL

No Brasil, a Educação Inclusiva passou a ser vista e entendida a partir da Declaração de Salamanca, em 1994, com isso, passou-se a ver crianças com deficiência em escolas regulares, pois antes disso poucos eram os conceitos de educação para pessoas com deficiência. Na verdade, havia a teoria, mas na prática, os alunos eram inseridos nas salas, mas pouco se fazia para que ele aprendesse, era uma inserção espacial.

De acordo com o capítulo 5, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,tem que ser estabelecida uma oportunidade de equidadepara todas as pessoas. Nesse sentido, este trabalho apresenta as possibilidades de falar do aluno com baixa acuidade visual dentro das aulas de Educação Física, através do futebol de cinco (instituído para cegos), exibindo para todos. Essa ideia advém do fato de que todas as pessoas com deficiência visual têm suas especificidades no campo visual, mas também potencialidades,mostrando que toda e qualquer pessoa tem necessidades diferentes.

Para Ferreira (1992 e 2006) e Omote (1996),existem possibilidades de ensino, estratégias de como trabalhar com os alunos videntes dentro do futebol de cinco, levando-os a usar vendas para que sintam como é enxergar minimamente, de maneira a sensibilizá-los. Essa atitude faz com que entendam como é a vida de uma pessoa com limitação visual gravee, nesse mesmo sentido, pensar como é a vida de pessoas com alguma deficiência, seja ela qual for, sendo necessárias intervenções juntamente com mudanças nas políticas de atendimento educacional.

Documentos como aConstituição Federal, a resolução de CNE/ CEB 2/2001, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais apontam para a concretização de um ideal de

educação acessível a todos, não como meio de apenas assegurar como uma normativa, mas principalmente um princípio de respeito, de humanização e dignidade humana.

O processo educativo das crianças em geral, implica o envolvimento de ações deliberadas e intencionais dos seus responsáveis para alcançarem, com êxito, os objetivos propostos. A educação de pessoas com deficiência visual não é diferente, pois além destas ações torna-se importante uma compreensão mais aprofundada a respeito das especificidades e das reais implicações determinadas pela dificuldade de enxergar (MIRANDA, 2001, p.1).

Com isso, mostra-se o quanto é importante trabalhar o aluno vidente e o aluno com baixa acuidade visual com os mesmos objetivos de aprendizagem, pois isso torna a defasagem visual discente um pouco menos evidente, uma vez que ele terá todas as outras funções corporais. As estratégias de ensino é que precisam ser adaptadas de forma que o aluno alcance os objetivos que lhe são propostos dentro das aulas de Educação Física. Para isso, o professor precisa ser um profissional sensível e atento às necessidades dos alunos, como um todo fazendo com que todas essas viabilizações sejam feitas.

A ideia da democratização do ensino como possibilidade de manter todas as crianças na escola, e o ideal de uma escola de qualidade para todos parecem não ser suficientes para garantir posturas coerentes de toda a comunidade educacional, para receber os alunos com deficiências (MIRANDA, 2001, p.1).

Realmente não parecem ser coerentes, pois em muitas das vezes se tem uma defasagem perante a escola que não sabe como incluir esse aluno de maneira correta, fazendo com que esse alunonão saia da escola com toda a bagagem de informações devidas, trazendo uma nova duvida será que as escolas não estão preparadas para receber/incluir esse aluno ou será que os professores não estão preparados para receber/incluir esse aluno de forma devida.

Segundo Vigotski (1989), a pessoa com deficiência não é naturalmente menos desenvolvida em alguns aspectos, mas cresce de maneira diferente. com isso deve-se concentrar em suas especificidades e potencialidades e não em suas necessidades, e ainda salienta que por meio da cultura e da construção histórica entende com formas sociais e educacionais e torna-se um meio de histórico.

Desse modo vemos que as pessoas com deficiência tem que ter os outros sentidos aguçados, fazendo a falta da visão seja o menor dos seus empecilhos na hora de realizar uma tarefa seja ela na escola ou dentro de casa. De modo que a

inserção do mesmo aconteça, assimilando as formas de atuação e definição com a interação do mesmo com o meio social, trazendo essa inclusão para o aluno cego. Vendo isso é preciso ajudar essas crianças a melhorar os seus desempenhos motores, cognitivos, sociais e afetivos.

Como respostas sociais-afetivas apresentam-se frequentemente o medo de situações e ambientes não conhecidos, insegurança em relação as possibilidades de ação física, dependência, apatia, isolamento social, desinteresse pela ação motora, sentimento de menos valia, auto confiança bastante prejudicada e dificuldade no estabelecimento de relações básicas do seu "EU" com as pessoas e com o ambiente (CONDE, 2006, p.1).

Desse modo, é necessário promover a inserção do aluno dentro de sala de aula e nas aulas de Educação Física não só por intermédio do professor, mas por meio da sua aceitação enquanto aluno, cidadão, acabando com a segregação e exclusão, dando lugar à autonomia, à confiança, pois saberá que qualquer coisa que ocorrer em meio às aulas, independente do que for, ele estará sempre incluído da mesma forma que os outros alunos são. A inclusão é tarefa de todos, alunos, professores, funcionários, pais, comunidade escolar, enfim, todos os âmbitos da sociedade.

Onde segundo Menescal (apud FREIRE, 1998), a culpa pela falta de inclusão dos alunos também ocorre pela superproteção dos responsáveis, fazendo com essas crianças/adolescentes fiquem alheios à sociedade.

Consideramos que as necessidades especiais não são propriedades ou exigências dos seres humanos, nem nascem com eles, mas se originam de um processo de produção material e social. O elemento biológico não se constitui em único determinante para as necessidades humanas. As necessidades e as habilidades são produzidas no processo histórico. Embora a criança possa ser privada de um elemento biológico, físico e/ou sensorial, a necessidade de apropriar-se da realidade não só é síntese de uma atividade real e de uma capacidade desenvolvida, é produto social e histórico (FREIRE, 1998, p. 86).

Através da citação de Freire (1998), é possível entender que a deficiência, independente de que especialidade seja, não se torne a característica a ser apontada, pois ela não representa o critério para que essa pessoa seja aceita ou não pela sociedade. Ao contrário, ninguém deseja nascer com deficiência e, mesmo que nasça com alguma, não deve ser vista como algo a se sobrepôr nos contextos sociais a que frequenta. Formas de tratamento pejorativas, brincadeiras incoerentes e atividades vexatórias se configuram como inclusão. Nesse sentido, os alunos são incluídos quando sua deficiência é vista como um detalhe apenas.

2.2 A EDUCAÇÃO E A DEFICIÊNCIA VISUAL

Com a Constituição e as demais leis de inclusão, percebe-se que a “inclusão” e a “igualdade” entre as pessoas tiveram que ser aproximadas, pois elas precisam ser redigidas, mas acima de tudo, ser colocadas em prática.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2015).

Constata-se, assim, que a inclusão social e educacional é direito da pessoa com deficiência e, desse modo, necessita do amparo da sociedade, fazendo que além de sua inserção no espaço escolar, ela possa aprender, avançar e integrar espaços externos à escola, como igreja, centros comunitários, mercado de trabalho e outros. O aluno não aprende apenas para a escola, o conhecimento assimilado o auxiliará em eventos comerciais, sociais e outros que desejar ou tiver necessidade.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 1996, p 34).

Nos devidos termos é visto que a inclusão ela não é social somente, é uma inclusão educacional que a pessoa com deficiência tem conforme a lei, e desse modo vemos os benefícios que é trazido pela LDB mostrando que é devido que o a pessoa com deficiência tenha os mesmos conteúdos.

Conforme Gil (2000) a escola tem um papel fundamental para inclusão da criança com deficiência, trazendo debates com os professores, alunos, funcionários e pais, fazendo com que a inclusão desse aluno, no contexto da escola, não seja um

ato de inclusão somente, seja um ato de sensibilização do meio em que a criança/adolescente estiver inserida, trazendo, de diversas formas, a inclusão por meio da sensibilização do/no outro, da adaptação da escola com a entrada desse aluno e, mais ainda, trazendo a adaptação e a aceitação do aluno com a sua deficiência, não enfatizando que a deficiência dele é um problema e, sim, trazendo as suas potencialidades. Com isso, o aluno será introduzido ao meio de forma rápida e sensível, de modo que os outros alunos o incluam.

Dessa forma, é possível e relevante mostrar a inversão de valores tentando colocar as crianças que não têm aquela deficiência a passar por um vivência prática, para que as mesmas entendam o que é ter uma necessidade educativa especial e, assim, entender que o outro precisa de ajuda. Também adquirir o pensamento de que a deficiência do outro não é empecilho, mas sim um déficit adquirido ou congenitamente nascido com o mesmo. Agindo assim, a criança com deficiência não terá mais medo de não ser incluída, em meio aos colegas de turma e em meio a sociedade em que está inserido.

Por isso, necessitam de um ambiente estimulador, de mediadores e condições favoráveis à exploração de seu referencial perceptivo particular. No mais, não são diferentes de seus colegas que enxergam no que diz respeito ao desejo de aprender, aos interesses, à curiosidade, às motivações, às necessidades gerais de cuidados, proteção, afeto, brincadeiras, limites, convívio e recreação dentre outros aspectos relacionados à formação da identidade e aos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Devem ser tratados como qualquer educando no que se refere aos direitos, deveres, normas, regulamentos, combinados, disciplina e demais aspectos da vida escolar (DIAS; CAMPOS, 2007, p.14).

De acordo com Dias e Campos (2007), a criança com deficiência visual, tem que ter seus outros sentidos aguçados, pois se ela não tem a visão, então para que ela tenha confiança de fazer atividades entre outros, e como citado acima qualquer criança independente dos seus problemas sejam afetivos sociais, seja alguma deficiência, ela tem a mesma vontade de aprender. Então, se houver uma atitude por meio do professor, isso ocorrerá gradativamente para o ensino da criança na sua vida escolar, mas para que isso ocorra, tem-se que levar em conta vários aspectos, dentre eles os sociais, os cognitivos, os motores, para que na prática de uma aula a pessoa com a deficiência não se sinta excluída. É nesse momento que entra a intervenção do professor, para mostrar a igualdade entre os alunos, indicando que o aluno possui baixa acuidade visual, que o outro enxerga, e nesse momento mostrar

as melhores potencialidades de cada um, de forma que nenhum dos dois sintam-se excluído ou sintam-se ruim no que faz.

O conhecimento do próprio corpo está intimamente vinculado ao desenvolvimento geral da criança cega. Ao levá-la, como primeiro passo, ao conhecimento, controle e domínio do seu corpo, a educação física adaptada irá embasar e favorecer a evolução dessa criança, enfocando também aspectos como a autoconfiança, sentimento de mais valia, o sentimento de cooperação, o prazer de poder fazer e as interfaces dessas valências afetivas com o seu próprio cotidiano na família, na escola e na sociedade, a educação física cumprirá sua função de importante elemento facilitador no caminhar da criança cega rumo a sua emancipação social, possibilitando-lhe condições básicas que capacitem-na futuramente a superar as barreiras, de diversos tipos, nuances e intensidades, que certamente lhe serão impostas (CONDE, 1981, p.2).

Mostrar as potencialidades de cada um é a melhor forma de equipará-los e ensinar que a inclusão ocorre por meio destes fatores, seja dentro de uma sala de aula ou dentro de quadra. Pois indicando a esse aluno que está sendo incluído e mostrando que ele é muito útil, faz os seus sentimentos de autoconfiança melhorarem, valorizando que tem pra uma pessoa com deficiência ser incluído e os benefícios que isso traz a própria, levando-a a ter vários conteúdos sociais e educacionais trazidos pela sua inclusão.

Desse modo, entende-se que nenhuma barreira pode retardá-lo se a vontade de incluí-lo for maior dentro da sala de aula, dentro da quadra e em outros espaços. Possibilitando a esse aluno uma entrega maior dentro das aulas, pois ele se sentirá igual, uma vez que sua autoconfiança e sua autoestima estarão elevadas e, com isso, toda e qualquer atividade lançada para ele, o fará sentir o desejo de cumprir, de mostrar que é capaz de fazer mesmo com a sua limitação, querendo mostrar toda a sua potencialidade para o professor, para os colegas ou até mesmo para a sua família quando o mesmo estiver em casa, pois o seu sentimento de autoconfiança não estará mais abalado.

Segundo Freire (1998) as necessidades educacionais de uma criança com deficiência têm que ser trabalhadas de forma que as habilidades e competências sejam trabalhadas de maneira contínua, fazendo com que ela aprenda as matérias, os assuntos de maneira natural, ao longo do tempo, de modo gradativo, onde sinta prazer por ser inserida ao meio e este a inclua para mostrar para os alunos que essa inclusão só não ocorrerá se o meio em que vive não olhar para eles. Para que esse aluno seja incluído em sala de aula, com o atendimento do professor, ou até mesmo

com um atendimento especializado, se for o caso, é preciso trazê-lo para o convívio social.

A escola pode ser, portanto, um espaço privilegiado de aprendizagem também para a criança cega ou com baixa visão. Importa que a educação seja orientada em direção à plena validade social e a considere como um ponto real e determinante, e não que se nutra da ideia de que o cego está condenado a menos valia (VIGOTSKI, 1989, p. 54).

De acordo com Vigotski (1989), a escola é o lugar privilegiado. Pensando dessa maneira, vê-se que o melhor meio de inclusão da criança com deficiência é na escola de ensino regular, fazendo-a ter um ensino de qualidade, baseando isso nos seus direitos de cidadão, independente se ela precise de um professor especializado ou não para ajudá-la. A inclusão tem que ocorrer por meio da escola e por meio da sociedade, fazendo com que a educação da criança seja melhor, seja igual ao demais alunos, de maneira que não se tenha tanta defasagem por meio dos outros sentidos, por isso a lei ampara o deficiente, mas nem sempre tem o professor especializado pra trabalhar com ele em sala ou outros espaços da escola, como a quadra, por exemplo.

As expectativas do aluno com relação à escola são muitas vezes frustradas, não por incompetência ou falta de capacidade intelectual, mas por negligência do sistema educacional ou da própria escola que não utiliza os recursos didáticos adequados para a facilitação do processo ensino-aprendizagem (FREY; SCHINDWEIN, 2008, p. 174).

Porém, há várias escolas com ensino ótimo, mas que negligenciam a normativa de educação especial, e negligenciando-a, quebra uma lei que é do cidadão por direito, que é o ensino, a educação. É um direito de toda e qualquer pessoa no Brasil, a lei indica e, dessa forma, percebe-se que a escola tem que se mostrar presente para que o ensino-aprendizagem não saia defasado, tanto para uma criança que já tem um dos seus sentidos limitado.

2.3 O ESPORTE ADAPTADO

Segundo Parson e Winckler (2012) o esporte adaptado passou a ser praticado a partir do séc. XIX e, nesse instante, passou-se a olhar o deficiente de forma diferente, mesmo que ainda o excluam da sociedade. Essa ocorrência não ficou no passado, ainda hoje se tem evidências de que a exclusão e a

segregação ainda existem. Dessa forma, importa trabalhar a igualdade mesmo com a deficiência do próximo e no presente há pessoas com especificidades e potencialidades diferentes, com mais frequência na prática de esportes.

Pessoas amputadas surfando. Pessoas cegas jogando futebol. Pessoas auditivas fazendo ginástica. Pessoas cardiopatas remando. Pessoas surdas dançando. Pessoas diabéticas pedalando. Pessoas hemiplégicas nadando. Pessoas autistas patinando. Pessoas! (GREGUOL; FERNANDES, 2013, p.1).

A citação acima já confirma. São pessoas, não importa se possuem alguma necessidade educacional, tem-se que focar nas suas especialidades e potencialidades, para que o indivíduo se torne alguém mais produtivo, um ser mais feliz, pois a sua deficiência o fará desenvolver outras habilidades e competências.

Como educador, deve-se entender e trazer para o meio acadêmico e social, fazendo pesquisas para aprender a desenvolver o estudo e de que forma ele se desenvolve dentro de instituições de ensino regular, pois é na instituição que ocorre a exclusão ou a própria inclusão. Então, entende-se que a Educação Física Inclusiva pode ocorrer, pois os esportes estão cada vez mais sendo adaptados para os deficientes e, com isso, está mais fácil de se executar programas de aulas para a inclusão do aluno com deficiência.

Ainda de acordo com a citação anterior, desse modo tem que existir vontade perante a escola para a inclusão do aluno dentro da sala de aula e dentro da quadra, para que se sinta incluso e faça a mesma aula que um vidente. É relevante que o aluno vidente entenda que a dificuldade do deficiente pode ser equiparada se a inclusão ocorrer por meio da sociedade em que vive.

Dessa maneira, passa-se a entender a deficiência como uma dificuldade somente e não atrelá-la a um problema, onde se pode ter um aluno com baixa visão nas aulas de futebol de salão, não priorizar a deficiência e sim priorizar que mesmo ele tendo dificuldades, está ali fazendo a prática da atividade física sem se importar com a própria deficiência.

A intervenção profissional em Educação Física atinge um largo espectro de conhecimentos, visando, sobretudo a orientar as pessoas a praticar atividades físicas, como ginástica, dança, jogos, esportes realizados na terra, na água ou no ar.

Considerando os diversos contextos em que essas atividades podem ser realizadas, estabelece-se uma relação meio-fim. Assim, na escola, almeja-se a escolarização; na academia, os objetivos são o condicionamento físico ou a estética; no clube ou centros esportivos, o aprendizado e o aprimoramento das habilidades; nos hospitais ou clínicas, a reabilitação; no

espaço de lazer, a personalidade. E no acampamento férias, a convivência.

Há um universo de possibilidades definidas pelas necessidades, pelos desejos e pelas potencialidades do praticante. O planejamento de um programa deve contemplar o desenvolvimento do saber, do saber fazer, do saber ser e do saber conviver, o que pressupõe considerar o ser humano na sua totalidade, incluídos os domínios cognitivos, motor, emocional e social.(GREGUOL E FERNANDES, 2013, p.19).

A atividade física precisa ter um princípio de conhecimento sobre o que irá ser aplicado a alguém que tenha uma deficiência, pois não é só saber deixar a pessoa fazer, envolve muitos aspectos. Não basta ler e reproduzir o que está em livros e, sim, fazer estudos para ver onde tem erros e analisar o porquê do erro e fazer dele um acerto futuro.

Sendo assim, tem que se existir um planejamento dentro ou fora da escola para ofertar o ensinamento a uma pessoa com deficiência, dando um exemplo através do cego, para se aplicar uma aula para ele tem que ter o conhecimento do local onde está, para que se tome o cuidado de não cair sem motivo. Então tem-se que entender todos aspectos antes de tentar elaborar um plano para o aluno e, nesse sentido, da atividade física é o esporte, danças, jogos, lutas e brincadeiras como meio de vida, fazendo a pessoa com deficiência não se sentir com menos valia, fazendo-a confiante.

Desenvolvendo-se uma interlocução entre a atividade física adaptada junto com a Educação Física Inclusiva, dentro da escola, percebe-se que a atividade já é feita normalmente e, com o aluno deficiente, ela só será adaptada, com isso não terá problema para ser feita pelos outros alunos, desse modo, os alunos diferentes terão que ser incluídos nessa temática de aula, uma vez que foi feita para equiparar os alunos dentro da sala ou até mesmo dentro da quadra, fazendo com que as especialidades e as potencialidades de cada um sejam destacadas dentro daquela perspectiva.

Profissionais de educação física que atuam no universo da educação física adaptada assumem um papel transformador com competência específica da área, sendo atores vivos que constroem, mantem e alteram significados sobre a área, sobre si e sobre as atividades pelas quais respondem(GREGUOL, FERNANDES, 2013, p.19).

A participação do profissional de Educação Física incluindo o deficiente na sociedade é importante, pois transforma a importância que o deficiente traz em sua vida, levando-a a ter um sentimento de liberdade, fazendo o mesmo a entender que

todos necessitam de ajuda e que ele tem uma diferença e que mesmo com elatem que ir atrás do que o faz bem, no caso fazer uma atividade, sair e etc.

Quando se fala em escola, a principal função parte do professor mostrar as especificidades e as potencialidades de alunos com deficiência. E, nessa perspectiva de inclusão ao meio social e especificidade das habilidades do deficiente que o autor quer trabalhar, trazendo sempre a especificidade e a potencialidade discente, fazendo com que todos entendam e respeitem a diferença do outro e, desse modo, fazem com que a igualdade seja introduzida em meio à sociedade, a escola, a família, pois muitas vezes esta quer superproteger a pessoa, com medo que ela se machuque ou algo do tipo. Nessa perspectiva, mostra-se a todos que a pessoa com deficiência é capaz de fazer as mesmas “coisas”, de modo adaptado ou até mesmo do jeito que uma pessoa que enxerga a executa.

2.4 FUTEBOL DE CINCO

Segundo Mello e Winckler (2012), o futebol de cinco passou a ser praticado em meados da década de 1920, em escolas espanholas, já no Brasil a prática passou a ser efetivada a partir de 1950. A influência do futebol de cinco veio com regras parecidas ao do futebol de salão, e com isso a diferença se deu pouco ao futebol e ao futebol de salão, mas ajudou na especificidade e potencialidades da pessoa com deficiência visual, e ao mesmo tempo passou a ser uma nova modalidade.

Em 1981, foi criada a *International Blind Sports Federation*, que gerencia todas as modalidades para os cegos em nível mundial, e em 1986, foi feito no Brasil o primeiro campeonato brasileiro de futebol de cinco, sendo organizado pela Associação Brasileira de Desportos para Cegos.

No ano 1994, foi feito o comitê de futebol de cinco, no qual se destinou fundamentalmente para a modalidade, até virar um esporte olímpico, em 2004, em Atenas, na Grécia.

As regras do futebol de cinco são semelhantes às do futebol de salão e foram adaptadas pela FIFA, na qual o tamanho da quadra é igual ao futebol de salão, o que muda é o tipo de piso que não pode ser abrasivo e os respectivos nomes mudam, não são chamados laterais e, sim, bandas laterais.

A área do goleiro não corresponde a área de pênalti. A atuação do goleiro tanto com a mão quanto com os pés se deriva em pênalti se for tocada para o goleiro do mesmo time(GREGUOL, FERNANDES, 2013).

Ainda tem a marca do pênalti duplo que é de 8 m onde é dada pela quarta falta acumulativa e não é permitida a formação de barreira, o jogador pode escolher entre cobrar o tiro livre da marca do duplo pênalti ou cobrar a falta de onde ela ocorreu.

A bola tem guizos que se tornam o meio de eles escutarem e para permitir que os mesmos ouçam e se localizem melhor dentro de quadra. Assim como no futebol de salão, a quadra é composta por dez jogadores titulares, cinco em cada time, e no banco ficam os suplentes. Desse modo, é dada uma classificação para os jogadores participarem, passam por oftalmologista para verem se estão aptos a participar dessas competições(GREGUOL, FERNANDES, 2013)..

Os jogos têm duração de 25 minutos, com dois tempos, no qual cada equipe pode solicitar um minuto de tempo técnico a cada um dos períodos. Na disputa pela bola entre os atletas existe uma regra específica, onde os mesmos têm que se manter de cabeça erguida e o defensor deve dizer de forma alta, clara e audível “voy” ou “go” e assim não acumula faltas, se não fizer isso ele acumulará faltas e contribui para a diminuição de choques e lesões, permitindo uma localização breve do seu oponente(GREGUOL, FERNANDES, 2013).

Os atletas do futebol de cinco têm que adquirir e desenvolver fundamentos do futebol de salão, que são: a recepção, condução, passe, drible, chute, marcação, e movimentação e isso tem que ser desenvolvido de várias formas diferentes e, finalmente, são dados os esquemas táticos de jogo, 3-1, 2-2,2-1-1 e, por fim, o 4-0 (conforme figura 01), as mudanças ocorrem de acordo com a variação dos jogadores e as especificidades e as potencialidades dos mesmos.

Figura 1: Esquema tático.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

3 METODOLOGIA

Para o melhor desenvolvimento deste trabalho, os métodos utilizados para a pesquisa, foram detalhados na seguinte ordem: Classificação da Pesquisa, A Escola, A Turma e o Planejamento das Aulas, Construção da Proposta de Intervenção. Esses passos forneceram dados para a construção do estudo, juntamente com a revisão bibliográfica, trazendo à luz para a aplicação das aulas teóricas e práticas do futebol de cinco no Ensino Fundamental.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa participante segundo GIL (2017) é uma pesquisa que tem o intuito de fazer uma relação entre a sociedade e os problemas em que as mesmas vivem, fazendo uma autoanálise e buscando sempre as soluções para os problemas e, assim, pode-se defini-la como uma pesquisa qualitativa.

Optou-se pelo modelo de metodologia que seria introduzido no seguinte trabalho, pois a intenção do mesmo é fazer a conscientização da comunidade, e dar uma contribuição ao meio acadêmico. Como instrumento da metodologia, utilizou-se planos de aula com a proposta de intervenção, observação durante o processo, registros fotográficos, registro em diário de campo com todas as anotações feitas pelo autor.

A análise adotada foi por meio da leitura e interpretação dos dados produzidos durante o processo de intervenção, articulando as observações realizadas, anotações do diário, indícios nas imagens produzidas e participação dos sujeitos da pesquisa.

3.2A ESCOLA

A escola tem um espaço para os alunos nas aulas de Educação Física, que também serve de local no desenvolvimento de aulas abertas na hora de um intervalo ou para a recreação e o lazer, com materiais disponíveis como bolas, cones. Porém, o que mais chama atenção é a falta de infraestrutura que os professores enfrentam para uma melhor educação para os alunos, eles têm dificuldades para com uma

ajuda especializada, tentam fazer o que podem para manter os alunos com deficiência inclusos em suas aulas, que não é só uma realidade da escola e sim da rede municipal.

3.3 A TURMA

A turma é de Ensino Fundamental II, tem 21 alunos, em que 10 são meninos e 11 são meninas, sendo que uma delas apresenta baixa acuidade visual (conforme laudo em anexo), a turma é bastante extrovertida, ajuda muito, inclui a menina com a deficiência visual, e é bastante ativa nas aulas de Educação Física.

Os alunos são um pouco agitados, mas têm facilidade para organizar a sala de aula; às vezes alguns brigam, mas são fáceis de perdoar. Ocorrem alguns casos de agressividade verbal, todavia, no decorrer das aulas, as crianças foram superando a indisciplina devido às conversas diárias sobre os fatos ocorridos e os combinados feitos na sala de aula.

A maioria das crianças prefere brincar em grupo. Na realização das atividades dirigidas, percebe-se que alguns, primeiramente, observam os colegas realizarem para depois fazer também. Foi a partir daí que se descobriu que os alunos apresentavam certas dificuldade em desenvolver atividades sozinhos; outros decidem fazer de imediato e em mais vezes.

A maioria compreende e obedece às normas estabelecidas, exigindo dos seus colegas o cumprimento das mesmas. Contudo, há aqueles que por momentos desrespeitam essas normas. No decorrer das aulas, os laços afetivos foram fortalecidos entre alguns alunos e a relação professor-aluno foi muito boa, essas atitudes foram trabalhadas através de roda da conversa e nos combinados produzidos tornando a convivência de todos muito melhor.

3.4 O PLANEJAMENTO DAS AULAS

As aulas aconteceram dentro da sala de aula e na quadra da escola. Os objetivos eram voltados ao ensino do futebol adaptado para aluna com baixa acuidade visual e, por meio dele, trazer a sensibilização para os alunos através do

esporte adaptado. Foram aplicadas 7(sete) aulas para que se pudesse ver o desenvolvimento do esporte adaptado e a inclusão da aluna especialna turma. E, assim, ficou planejado as sete aulas de acordo com o cronograma abaixo:

- O primeiro dia: Conhecer a história e as características do futebol e ensinar o os diferentes tipos de práticas de como ser aplicado.
- O segundo dia: mostrar as facilidades de enxergar (sem vendas) e as dificuldades de não ver (sem vendas).
- O terceiro dia: apresentar os fundamentos do futebol.
- O quarto dia: ao desenvolvimentodos fundamentos do futebol.
- O quinto dia:desenvolvimentodo futebol de dupla, onde só um dos alunos estará vendado e este é o único que poderá tocar na bola, começando com 2 duplas contra 2 duplas e ai terminando a aula 4 duplas contra 4 duplas.
- O sexto dia: desenvolvimento do futebol de cinco, propriamente dito.
- O sétimo dia: apresentado uma dinâmica de encerramento e uma roda de conversa para uma última aula

4ANÁLISES E DISCUSSÕES

Diante do planejamento constante na metodologia, emergiram algumas discussões que foram organizadas em forma de subtítulos para que possam evidenciar as principais estratégias relacionadas à produção de dados. São discutidas, a seguir, algumas considerações sobre as possibilidades e os desafios que se encontram na prática do futebol de cinco, no ambiente escolar.

4.1 O PROCESSO DE ENSINO DAS ATIVIDADES COM A TURMA

No primeiro momento, houve uma apresentação do acadêmico e dos alunos, em seguida perguntou-se aos alunos se já tinham escutado falar sobre o futebol de 5, se sabiam o que era. Falaram que já tinham escutado falar, mas não sabiam o que era. Então, foi contado a história do futebol de 5 desde a origem até os dias atuais através de slides, fotos e vídeos.

Em meio a apresentação dos slides, fotos e vídeos, os alunos começaram a trazer questionamentos, perguntando onde, como, e se esse futebol era somente para cegos ou pessoas que enxergavam. E, logo após a apresentação do futebol de 5 através de slides, fotos e vídeos foram levados para a quadra da escola, onde se fez a dinâmica da câmera lenta que traz a corrida em câmera lenta, trouxe essa dinâmica para fazer o diagnóstico da turma e nele foi percebido que a turma era uma turma empenhada em aprender e na dinâmica foi visto e relatado que eles se ajudavam intensamente durante e nesse momento da aplicação quando a aluna 1 entrou na brincadeira para fazer a brincadeira também, todos tiveram o cuidado de ajudar e gritar para que ela não batesse com o rosto na parede.

Ao final da aula, para fazer uma breve avaliação, foi relatado pelo pesquisador que os alunos sentiam muita vergonha de falar e, por esse motivo, não fizeram nenhum relato sobre a aula.

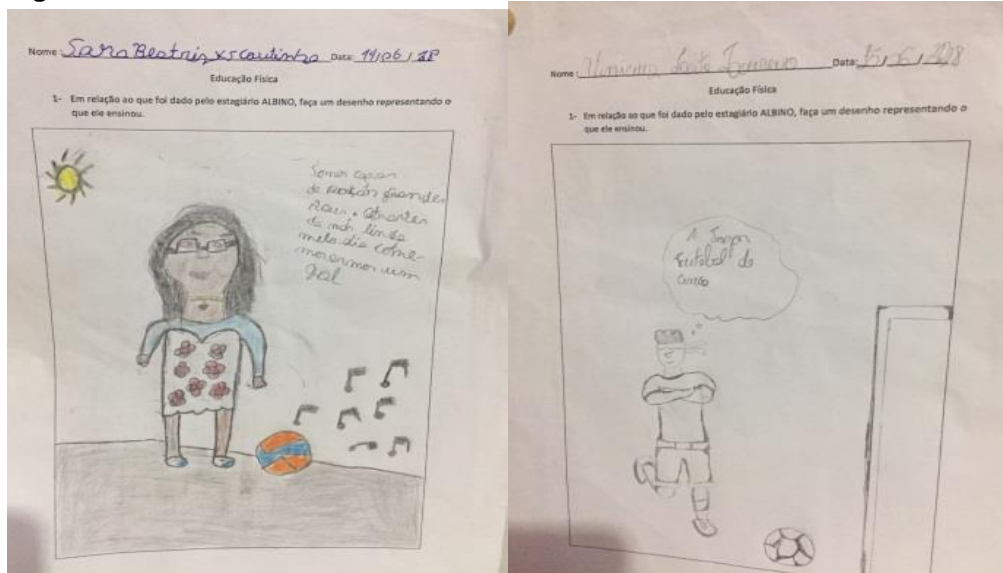
A escolha de começar com a apresentação em slides era para levar um pouco do conhecimento sobre o futebol de cinco com objetivo de ensinar o conceito e os procedimentos.

A organização da aula se deu em sala e na quadra, onde todos estavam sentados, e em quadra foi feita uma mistura e uma divisão de dois times mistos, equiparando as equipes, para que tivessem um resultado em aula parecidos, de

maneira que ninguém saísse da sala com sentimento de tristeza por ter perdido a dinâmica. Ao final da aula, foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. A expectativa para essa aula era se atentar como os discentes desenvolveriam o assunto e entender como era o esporte adaptado o futebol de cinco. Os alunos, nessa aula, tiveram uma participação muito intensa, pois pela dinâmica, eles ficavam zombando e rindo do modo que os outros colegas de turma faziam a dinâmica e, desse modo, todos os alunos participaram.

As brincadeiras foram escolhidas tentando trazer uma relação entre o esporte e a inclusão, por esse motivo, foi trazido, na primeira aula, uma dinâmica para ver como os alunos se tratavam em grupo e como se relacionavam com a aluna 1.

Figura 2: Desenhos dos alunos com o entendimento deles sobre o futebol de cinco.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A escolha das atividades foi feita a partir de algumas aproximações de como a pessoa com baixa visão se locomove, de como a mesma encontra objetos. E por meio dessas atividades trazer a sensibilização dos alunos, fazendo-os perceberem que as outras pessoas têm, além de uma deficiência, as suas especificidades e potencialidades.

A organização da aula ocorreu por meio de duas brincadeiras com vendas que em suas funções principais, onde na primeira brincadeira era a cabra-cega que é um pega-pega vendado, para retratar como as pessoas com deficiência visual andam, correm e fazem as suas atividades diárias.

Na segunda atividade, aplicou-se o quebra o pote, no qual foi feito vendado para retratar como os deficientes visuais encontram objetos, onde foi feita uma variação com o pé, trazendo o chute ao invés dos braços.

Ao final da aula, foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. A expectativa era trabalhar o espaço e tempo dos alunos e ver como trariam as dificuldades de andar vendado e tentar pegar coisas com vendas. Houve uma boa aceitação por toda a turma, trazendo perguntas e declarações sobre não ter gostado de andar vendado e começaram a olhar, a respeitar, e trazer questionamentos sobre a aluna 1 que tem a deficiência visual.

As brincadeiras trazidas foram a cabra-cega e quebra o pote, onde a cabra-cega, foi para mostrar e retratar como o deficiente visual se locomove e o quebra-pote retratando como o deficiente visual encontra objetos, ou quando está andando e bate em algo que está no chão logo a sua frente.

Figura 3: Brincadeira “Quebra o pote”.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Como foi trazida a inclusão por meio do esporte, a escolha dessas atividades, passou a ter uma visão mais esportivista, trazendo estafetas.

A primeira estafeta foi a do domínio coletivo, onde todos os alunos teriam que dominar a bola em algum ponto da quadra, no qual isso veio em uma roda, todos de mãos dadas andando e tocando e dominando a bola.

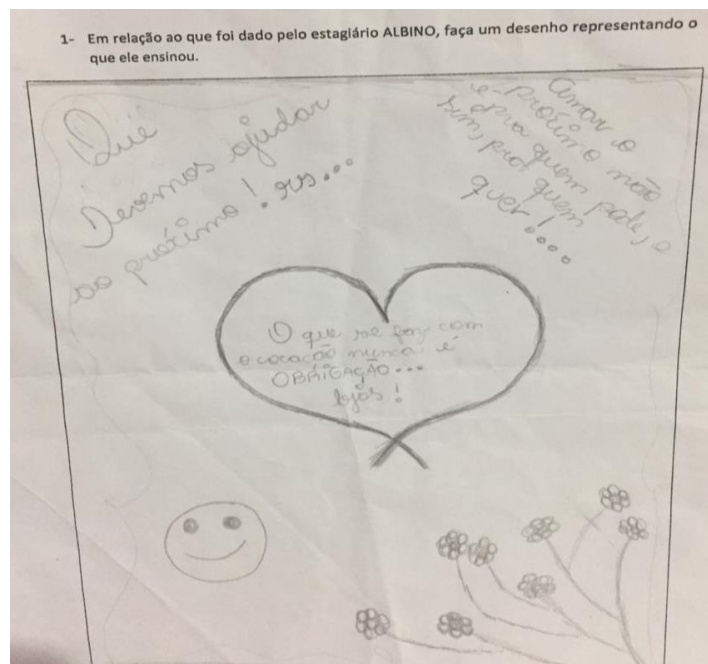
A segunda atividade foi o bobinho, trazendo variações. A primeira atividade foi trazida sem vendas e fazendo esse toque e esse domínio de um lado ao outro da

quadra, e em meio a atividade o pesquisador colocando vendas em alguns do grupo e continuando a atividade.

Na segunda atividade, trouxe o bobinho, começando com um aluno no bobinho com uma dupla de mão dadas, nesse meio, foi-se introduzindo a venda nos alunos.

Ao final da aula, foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. A expectativa dessa aula era relatar as dificuldades trazidas pelos alunos, vendo como os mesmos se portavam em meio a praticar as atividades com vendas. E foram trazidos pelos alunos. Houve uma ótima participação por meio dos alunos, trazendo diversas inovações e reclamações para as aulas, pois disseram estar difícil, mas ainda assim pediam o jogo propriamente dito, que era o futebol na regra. As brincadeiras foram escolhidas para trazer um pouco do esporte, e além de retratar o esporte, retratar a coletividade, solidariedade, amizade, inclusão e etc.

Figura 4: Desenho de um aluno sobre valores, amor.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Prosseguindo, a atividade escolhida foi o futebol de salão em dupla, para trabalhar coletividade, trabalho em equipe, sendo que não foi utilizado nenhum material a não ser a bola de futebol de salão, e nessa aula foi feita a variação do futebol de salão, ensinando-lhes, localização em quadra e tempo e espaço de bola com quem estava em quadra, no qual só um dos dois da dupla podiam encostar na bola.

A organização da aula ocorreu da seguinte forma, formaram-se 10 duplas mistas e foram colocadas posicionadas em quadra, no formato de futebol de salão em dupla, começou a ser aplicado o futebol.

Figura 5: Estafeta “Bobinho em dupla”.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No momento que os alunos começaram a sentir dificuldades, pois tinha alguns que corriam mais que outros e se posicionavam melhor, que foram pedir que a dupla pudesse tocar na bola, essa foi uma variação feita, em meio a aula foram trocando, as duas duplas que estavam do lado de fora, entraram e outras duas duplas saíram.

Ao final da aula foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. Era indicar as possibilidades de retratar a coletividade e fazer com que os alunos se ajudassem em meio às dificuldades impostas pelo jogo. Fazendo-os refletir sobre a inclusão, até mesmo sobre conceitos de moral. Houve participação da turma inteira, onde os alunos falaram sobre as facilidades da aula, e perguntas do porquê todos estavam sem venda, se o futebol era para cego, então eles mesmos se perguntavam e perguntavam ao professor o porquê da aula sem a venda e ainda mais que teria sido em dupla. A brincadeira era o futebol de salão em dupla para iniciar uma progressão pedagógica que viria através das próximas aulas, então foram posicionados para o “jogo de futebol de salão”, no entanto tinha a variação, que era ser em dupla onde só um podia encostar na bola.

Figura 6: Marcação de pênalti com os olhos vendados.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A escolha da atividade foi dada por uma progressão da aula anterior, pois já estava começando a aplicar o futebol de salão em dupla, então só foi sendo introduzida a venda nos alunos de forma gradativa.

A organização da aula foi feita da seguinte forma, começou com duas das quatro duplas vendadas (onde só um da dupla era vendado), e foi-se fazendo o jogo acontecer, como tinha 10 duplas, ficaram duas de fora, e foi sendo feita a troca por meio de tempo, mas não se dava pelo vencedor, a decisão vinha por meio do professor.

Ao final da aula, foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. A expectativa para essa aula era deixar um de cada dupla, o máximo, com a venda nos olhos, para que por meio deste recurso houvesse uma sensibilização de como é não enxergar e por meio disto, tentar aprimorar os outros sentidos deles.

Nessa aula, as pessoas que ficaram com a venda iniciaram e terminaram a aula com ela nos olhos. A participação da aula foi espetacular, pois todos os alunos tentavam, o máximo, pegar, chutar, faziam o máximo que podiam para não se machucar.

No jogo do futebol de salão em dupla foi sendo feita a variação coma venda e foi sendo introduzido de duas em duas duplas, para que houvesse menos choques

entre os alunos. Onde, ao final da aula, todas as quatro duplas tinham uma pessoa vendada.

Figura 7: Brincadeira de futebol de salão em dupla.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A atividade imposta, nessa aula, foi a continuação da aula anterior com os alunos que não haviam sido vendados. A organização da aula foi feita da seguinte forma, na qual começou com as quatro duplas vendadas (onde só um da dupla era vendado), e foi-se fazendo o jogo acontecer, como tinha 10 duplas, ficou duas duplas de fora, e foi sendo feita a troca por meio de tempo, mas não se dava pelo vencedor, a decisão vinha por meio do professor. Os alunos que ficaram vendados na aula anterior não foram vendados nessa aula, ficaram sem vendas.

Ao final da aula, foi feita uma roda de conversa para avaliar o que os alunos tinham aprendido. A expectativa para essa aula era deixar um de cada dupla o máximo com a venda nos olhos, para que por meio deste recurso houvesse uma sensibilização de como é não enxergar e, por meio disto, tentar aprimorar os outros sentidos deles. Sendo que nessa aula as pessoas que ficaram com a venda iniciaram e terminaram a aula com a venda. A participação dessa aula foi espetacular, pois todos os alunos tentavam, o máximo, pegar, chutar, faziam o máximo que podiam para não se machucar. O jogo do futebol de salão em dupla foi sendo feita a variação do jogo com a venda nesse jogo, e foi sendo introduzido de duas em duas duplas, para que houvesse menos choques entre os alunos.

A escolha da atividade era pra fazer o encerramento das atividades e para fazer uma roda de conversa final. Foi feita a dinâmica do agradecimento, onde todos falavam palavras sobre o que foi aprendido naquelas aulas.

Figura 8: Roda de conversa com os alunos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Os alunos teriam que falar suas experiências com o assunto abordado pelo professor. A expectativa para essa aula era que houvesse palavras e frases que mostrassem um pouco sobre o que eles entenderam sobre o assunto dado, fazendo refletirem e se sensibilizarem. Trazendo para eles um meio de socialização e de inclusão da pessoa com deficiência.

Houve participação da turma inteira também nessa aula, mas eles se continham muito em falar coisas sobre as aulas. A dinâmica era pra trazer tudo o que eles teriam entendido sobre todas as aulas, fazendo um aparato geral do que foi visto pelos alunos e entendido por eles através de um desenho.

4.2 AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO FUTEBOL DE 05 NA APRENDIZAGEM

Desde o momento da construção do projeto, o foco era compreender como os alunos participariam das aulas aplicadas. A proposta de intervenção foi desenvolvida com base adequada na idade dos alunos. Todo o processo de construção trouxe questionamentos de quais as possibilidades e as dificuldades que encontraríamos

durante as aplicações. Então, podemos avaliar que durante todo o processo, sejam eles, nas observações, aplicações ou nos registros, os alunos mostraram grande entendimento, pois todos as vezes que chegávamos na escola,

O que deu certo de início foi o respeito com a aluna 1, tentavam colocar ela em todas aulas, independente de como as aulas se progrediam, as aulas tinham uma inclusão por parte deles mesmos, mesmo o professor como interventor, ele praticava a aula e assim, fazia com que os alunos se inteirassem mais das aulas, e não precisou falar, reclamar para que eles colocassem a aluna 1 na aula.

Figura 9: Aluna com baixa visão participando da atividade com os demais.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na imagem acima se vê a aluna com baixa visão fazendo o processo inverso, onde ela mesma demonstra como é a deficiência visual, faz o processo de inclusão do vidente em seu mundo. No caso, a deficiente visual demonstrou o papel de guia da outra criança que é vidente.

Acontecia gradativamente no final, e foi a forma que eles começaram a se tratar e como eles tratavam o próximo, principalmente a aluna especial, tratavam-se de maneira mais respeitosa em relação aos limites do outro, até onde o outro alcançava, o respeito entre eles e o professor, a cada aula, a relação de cumplicidade.

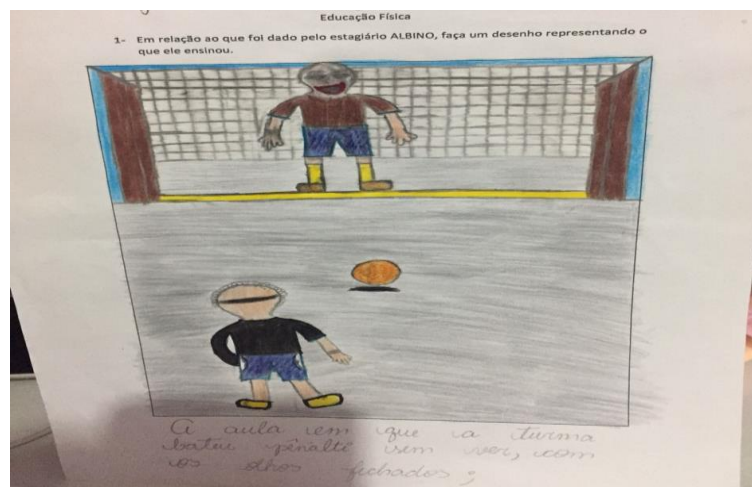
Um ponto avaliado como negativo, nas aulas, era a inquietude dos alunos, muitas vezes era preciso fazer silêncio para que os mesmos se calassem juntos,

então pensou-se e, agir de forma lúdica, realizar uma brincadeira com ritmo, para que os mesmos fizessem silêncio na hora que o professor usasse o apito.

Apesar de os alunos entenderem as atividades e fazerem-nas, aconteceu de sentirem dificuldades em fazê-las em dupla, mesmo sem a venda, o que diziam ser fácil por enxergarem, foi percebido uma dificuldade grande no momento de correrem em dupla e quando começou com as vendas e em dupla, a participação foi ruim, pois os alunos videntes não tinham o controle dos seus colegas que portavam a venda, os mesmos sentiam dificuldade e queriam sair correndo atrás da bola, até mesmo não a vendo.

A atividade do pênalti pedida e feita por eles, tanto que foi retratada por eles através de desenhos falando que foi a atividades que os mesmos mais gostaram foi a aula que mais aceitaram, que mais sentiram facilidade, pois muitos queriam ter mais chances para acertar, já que estavam sem enxergar a bola, então pediam para que a atividade fosse repetida.

Figura 10: Ilustração da atividade que os alunos mais gostaram.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A atividade menos aceita por eles foi o domínio coletivo, pois muitos deles davam um chute mais forte e o domínio era difícil, então eles fizeram esses tipos de reclamação na aula. Foi adaptado por eles para ficar mais fácil o gol, eles pediram para tirar os goleiros, fazendo com que só houvesse a trave, sem o goleiro, dessa forma que algumas das aulas se deram.

Figura 11: Ilustração da atividade que os alunos menos gostaram.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

E, por fim, a avaliação final de tudo o que foi passado, desde o primeiro dia de intervenção. Avaliou-se através dos desenhos o que os alunos compreenderam sobre tudo o que foi ensinado. As ilustrações mostraram que o ensino do futebol de cinco, além de desenvolver vários aspectos, desenvolve imaginações satisfatórias que proporcionaram a transcrição em forma de desenhos.

4.3 AS AVALIAÇÕES DO PROFESSOR E DA TURMA SOBRE OS CONTEÚDOS

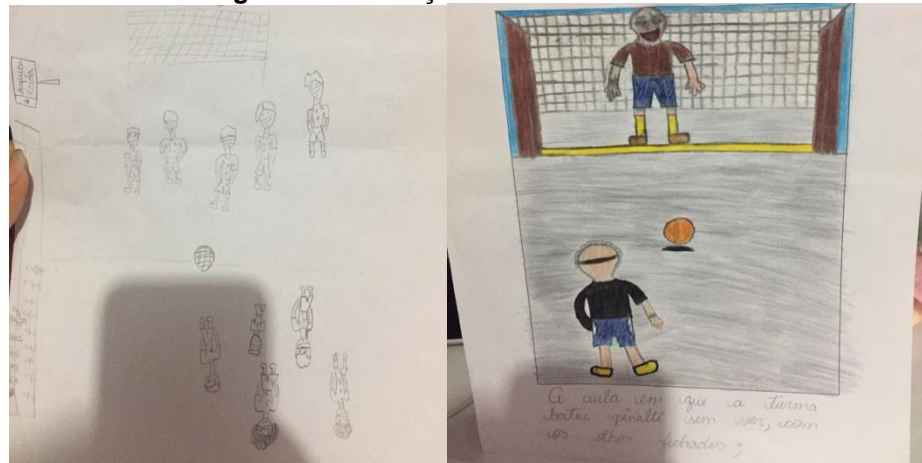
Foram avaliadas as formas de tratamento entre os alunos, as suas dificuldades e as facilidades sobre o conteúdo explicitado, falando sobre como se desenvolveram por meio de observação do professor e pelo que falaram para identificar se, e o que, entenderam por inclusão.

A forma como os alunos se tratavam, o que eles diziam, se condizia com as suas ações, foi avaliado se a forma de como os conteúdos tiveram aceitação sobre a turma, se a aluna com baixa visão seria incluída em todas as atividades, se haveria alguma retaliação com ela. Foi avaliado também se ao final do processo de intervenção algum aluno foi sensibilizado, se houve alguma melhora no tratamento entre eles, e para com a aluna com baixa acuidade visual.

As aulas foram avaliadas através de rodas de conversa, onde os alunos avaliaram através de um desenho (na última aula), foi pedido que os fizessem por

meio de desenhos, confirmou-se o que foi analisado durante todo o texto, que os objetivos foram alcançados.

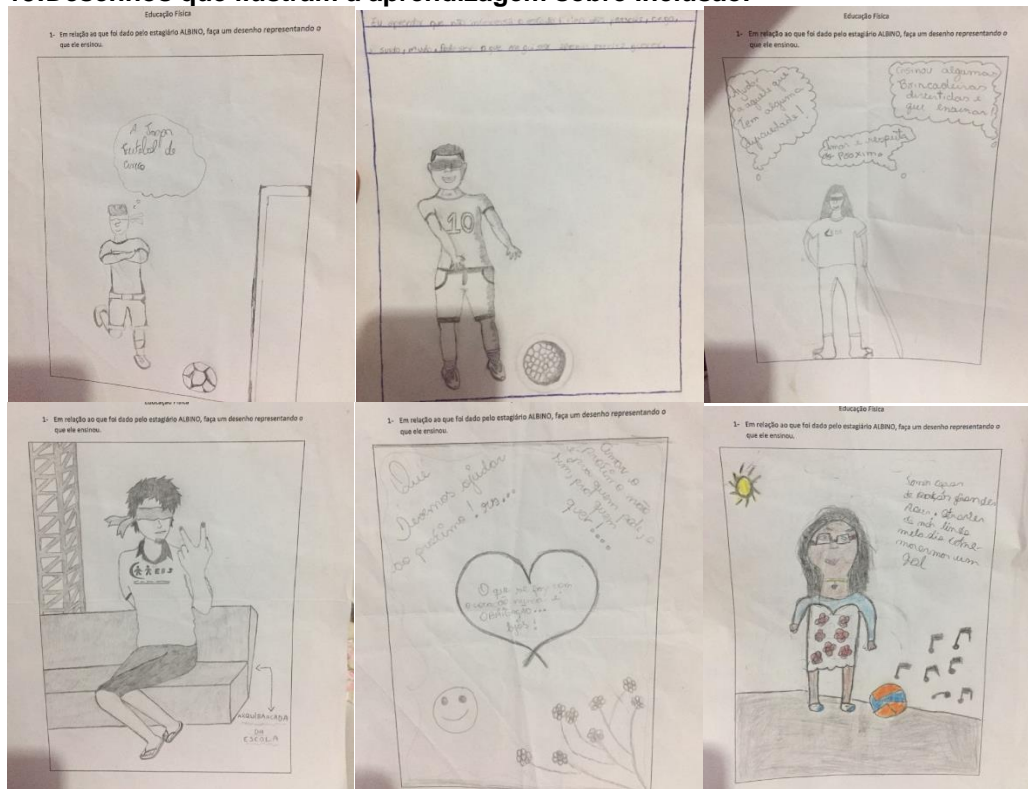
Figura 12: Avaliação através de desenho.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Através dos desenhos pode-se perceber o que entenderam e pode-se avaliar o entendimento sobre o que foi dado de conteúdo aos alunos, levando ainda em conta que o desenho foi uma produção pessoal, trazendo fatos que ocorreram na aula e, através deles, saber qual foi o motivo ou o que entenderam sobre o conteúdo.

Figura 13: Desenhos que ilustram a aprendizagem sobre Inclusão.

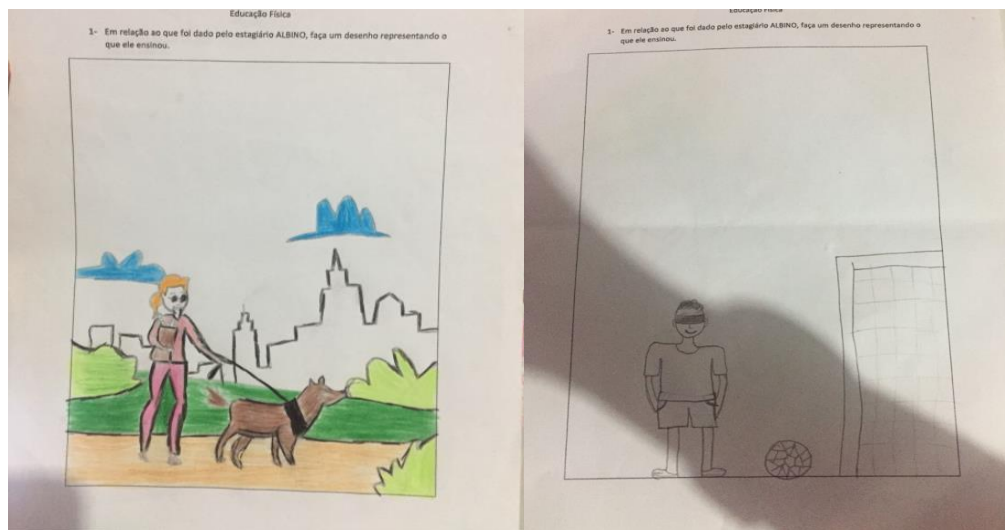


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em meio aos desenhos, pode-se ver que os discentes se colocam como as pessoas que incluem, mostrando que isso ocorre se eles fizerem, não colocando o outro como a pessoa que inclui, fazendo, por meio dessa concepção, a inclusão das pessoas com deficiência. Os alunos realizaram a própria avaliação do que foi feito nas aulas e entenderam que a inclusão tem que se realizar por meio de conteúdo, seja ele qual for.

No trabalho, as atividades foram avaliadas, ao final, através de um desenho pessoal retratando o que cada aluno entendeu sobre o assunto.

Figura 14: Desenhos que retratam as percepções dos alunos quanto à inclusão.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Todas as atividades foram necessárias e relevantes para que os alunos elaborassem suas concepções cerca da inclusão. O desenho é uma forma elementar do aluno se expressar, pois atribui detalhes que talvez escrevendo não iria se lembrar, ou poderia se sentir retraído. Através dos desenhos eles criaram e retrataram suas percepções conforme a temática trabalhada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado procurou compreender como os alunos participariam das aulas temáticas relacionadas às manifestações do futebol de cinco. Algumas dificuldades foram encontradas no decorrer do processo, devido questões que já foram citadas anteriormente, porém não impediram que a pesquisa fosse concluída e as intervenções realizadas.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois foi possível alcançar os objetivos, atingindo a maioria dos alunos, obtendo grande índice de interação dos mesmos na prática do conteúdo.

Pode-se destacar, também, que as observações das aulas do professor regente foram de grande importância para a construção da proposta e os métodos de ensino adequados aos alunos.

Observando as intervenções e analisando as mesmas, pode-se compreender que a proposta que utilizada foi muito importante, visto que conseguiu-se aplicá-la de maneira lúdica e objetiva, abordando o conteúdo futebol de cinco de maneira com que os alunos participassem das atividades e interagissem com os demais, tendo a compreensão acerca do que representa a inclusão.

Sendo assim, mediante todas as abordagens, discussões e intervenções, foi possível observar que o futebol de cinco tem um processo pedagógico muito rico que proporciona uma educação livre e consciente para os educandos.

A prática desse conteúdo/esporte na Educação Física fundamental torna-se importante, pois desenvolverá aspectos que serão de grande valia para a transformação do crescimento do aluno no decorrer da vida.

Refletir sobre a inclusão significa mudança de atitudes, de paradigmas e de idealizar um aluno como se todas as pessoas fossem iguais e não fossem seres históricos e contextualizados. Para isso, é relevante que o professor seja um profissional que conheça a Educação Especial, suas especificidades. Isso requer a formação continuada, e não apenas aquela que demanda uma semana, um mês, um período determinado.

Trabalhar de forma improvisada ou desenvolver um planejamento homogêneo não culminará no alcance dos objetivos e na aprendizagem, mas numa realidade lamentável, que já se encontra incorporada às salas de aula, onde alunos com altas habilidades se tornam desmotivados, colocados à margem da sala, ao invés de estimulados a avançar cada vez mais.

Percebe-se a inclusão dos especiais em classes regulares como um verdadeiro exercício da cidadania, que envolve direitos civis, políticos e sociais. Tanto a família, quanto a comunidade e a escola, devem oferecer reais condições às pessoas especiais, possibilitando o desempenho de seus papéis na sociedade como pessoas humanas, sensíveis e com potencialidades e diferenças especiais.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei 13.146, 6 de julho de 2015, **Presidência da República: Casa Civil**, Seção IDA EDUCAÇÃO; Brasília, 6 de julho de 2015 Disponível em:<www.planalto.gov.br>. Acesso em 10 junh. 2018.

_____. Decreto-lei9.394, 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Comum**, 9ª edição, Brasília, Câmara dos Deputados, 2014.

_____.**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nova LDB** (Lei n. 9.394). Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1996.

CONDE, Antonio João Menescal. Atividades físicas ao deficiente visual. **Revista Integração**. Edição do Ministério da Educação, 1981.

DIAS; Elizabet Dias de Sá; CAMPOS; Izilda Maria de Campos; CAMPOLINA, Myriam Beatriz Campolina Silva. **ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO** . Brasília: MEC/Secretaria de Educação a distância 2007

FERREIRA, NauraSyria Carapeta (org.). **A gestão da escola na sociedade mundializada**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 3ª ed., 2000.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**:saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREY, Miriam Cristina; SCHLINDWEIN; Luciane Maria. A Pessoa Cega e a Inclusão:Um Olhar a Partir da Psicologia Histórico-cultural. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol.28,n.75, p.171-190, maio/ago, 2008.

GIL, M. Deficiência visual. **Cadernos da TV Escola**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação à distância, 2000.

_____. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2017.

GREGUOL, Marcia; FERNANDES, Roberto Fernandes da Costa. **Atividade Física Adaptada**. 3.ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2013.

MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro de Oliveira. **Esporte paraolímpico**. São Paulo Editora Atheneu, 2012.

MIRANDA, Maria de Jesus Cano.**Inclusão Escolar e Deficiência**: trajetória e Processo. São Paulo, Maringá: 2001.

OMOTE, S. A integração do deficiente: um pseudoproblema? **Anais da XXIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto/SP**, 1994.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectología**. Obras escolhidas. Vol. 5: Madrid: Visor, 1989.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tenho conhecimento de que **ALBINO NASCIMENTO CARILLO JUNIOR**, acadêmicos (as) regularmente matriculado (a) no CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA da Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus – ES, está realizando uma atividade de pesquisa com o objetivo de elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso.

Foi esclarecido pelos (as) pesquisadores (as) que a participação dos sujeitos envolvidos no estudo é voluntária, podendo os mesmos se retirarem a qualquer momento da atividade sem nenhum tipo de prejuízo para a sua pessoa. Os benefícios do estudo se convertem para a produção de conhecimentos sobre a relação entre Educação Física, Educação e Surdez, sendo os dados analisados, eticamente, tendo o pesquisador o compromisso de não produzir nenhum tipo de constrangimento para os sujeitos envolvidos.

O estudo vem sendo coordenado pelo orientador Prof. Me. Daniel Junior da Silva, devidamente vinculado ao colegiado do Curso de Educação Física e ao NUPEFS, localizado na FVC, telefone: (27) 99918-3350.

Diante das questões explicitadas, eu, _____ (Nome e função do gestor), declaro ter sido informado (a) e concordo com a realização de tal pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2018.

Nome/Assinatura

APENDICE II

Plano de aula 1ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local: Sala

Data:07/05/2018

Tema: Futebol de cinco

Conteúdo: Os tipos de futebol, contextos e formas;

Objetivo:

- Conhecer a história e as características do futebol;
- Ensinar o os diferentes tipos de praticas de ser aplicado o futebol;
- Trazer a sensibilização dos alunos por meio dos meios de comunicação.
- Equiparar os alunos;

Metologia:

- Organizar com as crianças uma roda para conversar sobre o que é o futebol.
- Perguntar para elas sobre:
- Quem já ouviu falar de futebol?
- Quem já assistiu ou participou de uma brincadeira com um cunho sobre o futebol?
- Depois de ouvir a resposta das crianças, contextualizar o assunto, priorizando a informação de que o futebol de cinco, que faz parte do futebol, tentando levar a sensibilização. E falar sobre a história, falando sobre o cotidiano do cego na vida comum, onde ele vive e quais são as dificuldades dos mesmos. Mostrar vídeo sobre o futebol de cinco, historia do esporte, quando que ele virou um esporte olímpico. Após o vídeo, mostrar gravuras de atletas com visibilidade no futebol de cinco. Priorizando a mostra de como incluir a pessoa cega, mostrando que mesmo com a deficiência a pessoa tem suas especificidades e potencialidades.

Avaliação:

- Ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimento com relação as atividades em relação as dificuldades e o que mais gostaram. Como os alunos se desenvolveram dentro do assunto e perguntar a eles o que eles entenderam como futebol e qual a diferença para o futebol de cinco ? E o que ele entenderam como inclusão

Plano de aula 2ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local:Quadra

Data:11/05/2018

Tema:Futebol de cinco

Conteúdo: Brincadeiras lúdicas sem vendas e com vendas

Objetivo:

- Mostrar as facilidades de enxergar (sem vendas) e as dificuldades de não enxergar (com vendas);
- Sensibilizar os alunos por meio das brincadeiras;
- Equiparar os alunos;

Metodologia:

- Iniciar a aula lembrando o que foi trabalhado na aula anterior, fazendo uma ligação e fazer um pique pega sem a venda nos olhos, e logo após fazer o mesmo pique pega com a venda nos olhos (cabra-cega). E depois aplicar uma brincadeira que delimita o tempo e espaço.
- **Cabra cega:**Uma das crianças, escolhida ou sorteada é a cabra-cega. Outra venda-lhes os olhos e a faz girar sobre si própria para a desorientar. As restantes saltam em volta dizendo: “Ó cabra-cega, ó cabra-cega!) ou batem-lhe nas costas e fogem para não serem agarradas. A cabra-cega orientando-se pelo som das vozes e virando-se rapidamente quando lhe tocam nas costas, procura pegar uma das outras crianças. Quando consegue tem então de a identificar, e a criança que foi pega passa a ser a cabra-cega.
- **QUEBRAR O POTE:** Escolhe-se um voluntário a quem cabe quebrar um pote colocado a uns quatro ou cinco metros do grupo. O voluntário observa a localização do pote, e a seguir seus olhos são vendados, e, com os pés chuta a garrafa, executa a tarefa de quebrar o pote. Antes de dar início a brincadeira, o animador fará girar duas ou três vezes o voluntário sobre si próprio. Terá três chances, caso não acertar o pote, prossegue-se a brincadeira com outro voluntário.

Avaliação:

- Ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimentos com relação às atividades em relação às dificuldades e o que mais gostaram. O porquê das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos à participação desses alunos aos gestos, movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades.

Plano de aula 3ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local:Quadra

Data:14/05/2018

Tema:futebol de cinco

Conteúdo:futebol

Objetivo:

- Apresentar os fundamentos do jogo através de estafetas;
- Trabalhar a coletividade através das estafetas;
- Sensibilizar os alunos através das estafetas;
- Equiparar os alunos;

Metodologia:

- Relembrar o que foi dito na aula passada. Nessa aula começaremos a aplicar os fundamentos através de estafetas.
- A primeira brincadeira é o domínio coletivo, onde todos tem que fazer o domínio da bola e tocar de um lado ao outro da quadra sendo feito em grupos com 7 alunos e no meio da brincadeira foi utilizado variações.
- A segunda brincadeira será o bobinho, só que o bobinho será em dupla e de mão dada, sendo vendado um dos dois da dupla, e por fim um trio e no meio desse trio um dos vendado.

Avaliação:

- Ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimento com relação as atividades em relação as dificuldades e o que mais gostaram. O porque das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos a participação desses alunos aos gestos, movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades.

Plano de aula 4ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local: Quadra

Data:18/05/2018

Tema:futebol de cinco

Conteúdo: futebol de salão em dupla

Objetivo:

- Trabalhar em equipe,
- Percepção de tempo e espaço em dupla;
- Sensibilizar os alunos;
- Equiparar os alunos;

Metodologia:

- Relembrar o que foi dito na aula passada. Nessa aula começaremos a aplicação do futebol de salão em dupla.
- Fazendo nessa aula a aplicação do futebol de salão sem a venda.
- Aplicar o futebol de cinco através de adaptações

Avaliação:

- Ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimento com relação as atividades em relação as dificuldades e o que mais gostaram. O porque das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos a participação desses alunos aos gestos ,movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades,

Plano de aula 5ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local:Quadra

Data:21/05/2018

Tema:futebol de cinco

Conteúdo:futebol de cinco em dupla

Objetivo:

- trabalhar em equipe;
- Sensibilizar os alunos perante a modalidade;
- Aplicar o futebol de cinco através de adaptações;
- equiparar os alunos;

Metologia:

- aplicação do futebol de dupla, onde só um dos alunos estará vendado e o que estará vendado que poderá tocar na bola, começando com 2 duplas contra 2 duplas e ai terminando a aula 4 duplas contra 4 duplas.

Avaliação:

- ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimento com relação as atividades em relação as dificuldades e o que mais gostaram. O porque das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos a participação desses alunos aos gestos, movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades.

Plano de aula 6ª aula

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local:Quadra

Data:25/05/2018

Tema:futebol de cinco

Conteúdo:futebol de cinco

Objetivo:

- Trabalhar em equipe;
- Sensibilizar os alunos perante a modalidade.
- Aplicar o futebol de cinco através de adaptações
- equiparar os alunos;

Metodologia:

- Continuação da aplicação do futebol de dupla, onde só um dos alunos estava vendado e o que estará vendado que poderá tocar na bola, começando com 2 duplas contra 2 duplas e ai terminando a aula 4 duplas contra 4 duplas.

Avaliação:

- ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimento com relação as atividades em relação as dificuldades e o que mais gostaram. O porque das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos a participação desses alunos aos gestos, movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades.

Plano de aula 7º

Nome da escola:E.M.E.F

Professor: Albino Nascimento Carillo Junior

Local:quadra

Data:28/05/2018

Tema:

Conteúdo:dinâmica de encerramento

Objetivo:

- Saber como foi o aprendizado por meio das aulas ministradas

Metodologia:

Dinâmica de Agradecimento – O objetivo desta dinâmica é estimular a gratidão nas pessoas e fazê-las perceber também, em seu dia a dia, os motivos para serem gratas aos colegas, por exemplo. Em círculo os participantes devem ser convidados a completar a frase – Eu Agradeço... O instrutor pode estimular e começar dizendo: “Eu agradeço por este encontro, pela troca de conhecimentos, pela participação e pela permissão de todos em estarem aqui”. Do mesmo modo, todas as pessoas devem fazer o mesmo, sempre destacando um aprendizado ou ensinamento que aquele momento trouxe e deixando uma mensagem positiva para o grupo. Ao final, as pessoas podem se abraçar e encerrar com um grito de guerra.

Avaliação:

- ao final da aula, faremos uma roda de conversa no qual os alunos expressarão os seus entendimentos com relação às atividades em relação às dificuldades e o que mais gostaram. O porquê das atividades aplicadas? E por meio da observação nos atentaremos à participação desses alunos aos gestos, movimentos realizados, e ao que foi dito durante as atividades.